

'É preciso conversar com o país'

FH diz que o importante é ter programa e que pré-candidatos governistas estão tímidos

ENTREVISTA

Fernando Henrique

Se o presidente Fernando Henrique Cardoso tivesse que lançar hoje o candidato à sua sucessão, não teria um nome. Ele reclama da timidez dos postulantes da

base governista, que, ficando calados e ausentando-se do debate, não conseguiram até agora construir suas candidaturas. E afirma que é preciso que a sociedade saiba o que o candidato do governo quer fazer com o país. O presidente voltou a dizer

que a democracia brasileira é sólida o bastante para agüentar qualquer governo. Mas provoca o PT ao informar que tentará aprovar o projeto que torna o Banco Central independente, contra o qual o partido já se manifestou.

Dacio Malta, Helena Chagas e Tereza Cruvinel

O GLOBO: Na coalizão governista as coisas continuam complicadas. O clima de guerra entre PMDB e PFL dificultará a costura para a sucessão?

FERNANDO HENRIQUE: Quando não foi complicado? E quando brigavam os senadores Antonio Carlos e Jader Barbalho? Não era muito mais complicado?

O PSDB quer entrar o ano com o candidato na rua...

FERNANDO HENRIQUE: Alguns pensam assim. O problema é que estamos sempre colocando o carro diante dos bois. A ordem para mim é o que que você vai fazer com o Brasil? Essa é a questão. O programa.

Se o senhor pudesse ser candidato, qual seria a proposta central?

FERNANDO HENRIQUE: Por que que estou na Presidência há sete anos? Só porque fiz o Real? O Itamar diz que foi ele. Se alguém pesquisar os jornais da época, verá que tínhamos uma visão do Brasil, um projeto. Havia razão para tudo o que fiz ou tentei fazer. Nada foi feito às cegas. Na privatização, recuei quando foi preciso recuar, e não tenho medo de recuar.

O que não faria de novo?

FERNANDO HENRIQUE: Talvez a manutenção do câmbio por tanto tempo. Queria ter feito mais reformas, mas, na democracia, temos o limite do possível. Teria feito já a reforma tributária.

O empresariado diz que o ministério da Fazenda é que não quis...

FERNANDO HENRIQUE: Não, é mais complicado do que isso. A mudança mais urgente é a do Código de Processo Penal, para reduzir a sensação de impunidade, que vem da lentidão de uma Justiça amarrada pelo código. É preciso avançar muito na questão da segurança. Projetos há muitos, mas quase sempre escolhem um relator do contra.

Mas o que deve pregar o candidato do governo na campanha?

FERNANDO HENRIQUE: Se vier com essa idéia de que é preciso outro modelo, ou específica o que é ou está fazendo retórica. Não serve.

Esse é um recado para os postulantes aliados?

FERNANDO HENRIQUE: Não sei quem será meu candidato. Sou democrata, acredito no povo, na razão, na capacidade de escolha da sociedade. Por isso, o candidato deve se apresentar com clareza, falando francamente com a sociedade.

E o que a sociedade quer ouvir?

FERNANDO HENRIQUE: O clamor maior é por justiça. Segurança,

igualdade, contra a corrupção. Eu iria por aí. Criamos uma rede de proteção social que nunca existiu. Temos bolsa-alimentação para crianças até 6 anos; bolsa-escola para as de 7 a 16; bolsa para flagelados; e bolsa para tirar criança de trabalho forçado. O Funrural é o maior programa de renda mínima do mundo. Estamos transferindo R\$ 20 bilhões em renda. O ajuste fiscal não impediu que fizéssemos isso. Dá para fazer continuidade sem continuísmo, como já se disse (a expressão é do ministro José Serra). Preservando algumas coisas, aperfeiçoando outras.

Nem o ministro José Serra nem o governador Jereissati, possíveis candidatos do PSDB, estão apresentando suas propostas?

FERNANDO HENRIQUE: Eles podem achar que não é chegado o momento. Acho que sim. Como é que a pessoa se qualifica para ser candidato a presidente? Dizendo o que vai fazer com o país. Isso vale para todos, não só para os do PSDB. Se o Brasil apostar em alguém, ele tem que conversar com o Brasil.

O bom exemplo é o do ministro Malan?

FERNANDO HENRIQUE: Malan tem feito o correto. A luta de idéias, sem o que não se ganha eleição. Quando dizem que o governo é neoliberal, por que me revolto? Porque fiz uma rede de proteção social, fizemos o Estado ser mais eficiente. Quando converso com Jospin, com Blair, vejo que estão fazendo menos do que nós, e são da esquerda européia.

O que intimida os candidatos governistas?

FERNANDO HENRIQUE: Não só os candidatos, mas os congressistas. Tenho dito a eles. Vocês vão disputar eleição, devem ser mais afirmativos. O candidato, seja Serra, Tasso, Roseana, Jarbas, terá que conversar com o país para ganhar. A oposição não precisa conversar, basta jogar pedra.

O candidato pode não ser do PSDB?

FERNANDO HENRIQUE: É o mais provável, a estrutura é maior, mas a política tem surpresas.

O que será determinante?

FERNANDO HENRIQUE: Propostas

FERNANDO HENRIQUE: A mudança mais urgente é a do Código de Processo Penal, para reduzir a sensação de impunidade

que facilitem a articulação. Vamos articular em torno de quê? Se você tem um líder natural, articula em torno do líder. Como não existe isso... Às vezes até é ruim ter um líder natural. Veja o PT. Eles não têm opção para o Lula.

As prévias podem ajudar?

FERNANDO HENRIQUE: Se forem programáticas, sim. Do contrário, aumentarão a divisão.

Quando o senhor começa a conversar oficialmente sobre o tema?

FERNANDO HENRIQUE: A partir de janeiro. Temos que esperar que o candidato se faça. E ele não se fará nas pesquisas. As pessoas votam em alguém que diz algo que o diferencia de outro candidato. É claro que as virtudes pessoais contam, mas é preciso encarnar um programa.

Nas pesquisas, quem está melhor é Roseana...

FERNANDO HENRIQUE: Mas ela nem disse nada ainda.

O ministro Serra não estaria tentando evitar expor suas divergências com a política econômica?

FERNANDO HENRIQUE: Quem tiver idéias contraditórias não pode ser candidato do governo. Divergências específicas podem existir, claro.

E o Ministério, mudando em de-

zembro, antecipa a indicação?

FERNANDO HENRIQUE: Não. O novo Ministério não é para fazer campanha, é para governar.

O senhor acredita que ao segundo turno seu candidato chega?

FERNANDO HENRIQUE: Farei o possível, vou me empenhar, mas não por razão biográfica. Vou lutar pela proposta que ache mais adequada ao futuro do Brasil.

Depois, o que fará?

FERNANDO HENRIQUE: Não vou disputar qualquer cargo eletivo. Sou muito grato àqueles que me oferecem legenda. Se fosse candidato, seria por São Paulo. Mas seria uma imprudência, teria que deixar o governo em abril. Depois, sem crítica a alguém, acho que tendo sido presidente devo retirar-me da vida eleitoral e partidária. Não da pública.

A reeleição deve permanecer?

FERNANDO HENRIQUE: Sim. Acho que foi uma mudança importante. Somos uma grande democracia, com eleições gerais, mídia ativa, absoluta liberdade e uma sociedade demandante, uma sociedade forte. Mas essa sociedade tem buscado outras formas de representação que não os partidos, embora busque sempre algum parlamentar. Os partidos acabam não sendo portadores da visão geral, sempre transferida para o presidente. Esse é um problema complicado para o futuro da de-

mocracia. Por isso insisto na importância dos programas.

O senhor ficará devendo a reforma política...

FERNANDO HENRIQUE: É difícil fazer reforma a partir dos que são interessados em conservar a situação. Talvez tenhamos perdido grande oportunidade na Constituinte. A sociedade contemporânea, com as mudanças tecnológicas, a difusão de informações, talvez já nem tenha espaço para um sistema partidário clássico, que nunca chegamos a ter. Também por isso, a importância dos programas.

Quais são as prioridades do último ano de governo?

FERNANDO HENRIQUE: Consolidar a rede de proteção social, e isso inclui a reforma agrária. Temos de impulsionar as exportações e equilibrar o problema da energia. E o Brasil precisa continuar tendo presença ativa nas questões internacionais, por mais que algumas pessoas vejam isso de forma crítica.

E o Banco Central independente, o senhor tentará aprovar? O PT vê nisso uma tentativa de controlar um possível governo do partido.

FERNANDO HENRIQUE: Da forma que está proposto, sim. Sou contra a independência absoluta. A autonomia deve ser operacional, mas a política monetária, do governo. Se o PT tivesse noção do mundo, daria graças aos céus. Isso seria uma proteção para seu possível governo.

O senhor continua encarando com naturalidade uma possível vitória da oposição ou algo mudou?

FERNANDO HENRIQUE: Não sou de usar argumentos "ad terrorem" na política. O Brasil tem hoje recursos internos suficientes para agüentar vários tipos de governo. Não há riscos para a democracia. Mas acho que a população precisa saber o que cada candidato pretende fazer. Não dá para ficar fazendo discursos no vazio.

O PT mais moderado é um adversário mais difícil?

FERNANDO HENRIQUE: Os moderados ganharam por diferença de votos pequena. E o PT pode sofrer uma espécie de dissociação entre o que ele é realmente e o que vai dizer na campanha. Se disser o que não é, não vai convencer.

O quadro externo torna o eleitor mais conservador?

FERNANDO HENRIQUE: Não quero dizer que sim, porque não seria um argumento correto. O eleitor faz comparações. E procura o que considera o melhor caminho. Não pode é optar pelo descaminho, a crítica sem apresentar alternativa.

Ailton de Freitas



cont-